

Guerras, assombros e a chama da liberdade

Primeiro decênio da tomada do poder pelos

militares quando, ainda meio adolescente, deixei a cidadezinha do interior do Paraná para buscar formação superior na capital. Na bagagem, conhecimento muito tímido sobre resistências e lutas sob a bandeira das liberdades. Ouvira falar de “tendência comunista” de alguns professores da cidade, estigmatizados pela ida ao congresso da UNE em Ibiúna. Mas, na real, a predominância era de educadores patrulhados pelo medo, batendo continência à pregação “moral e cívica” e aos novos heróis, fazendo eco ao “ame ou deixe-o”. Amava os Beatles e Rolling Stones. E também Elvis, Creedence, Led Zeppelin, Alice Cooper, Bee Gees, o Lennon já solo e outros mais, sem me importar muito além do ritmo musical, pois meu inglês pouco decifrava. Enfim, um alienado circunstancial.

Em solo curitibano, o acordar para outro mundo, sob o tilintar de jargões libertários e ideológicos. O grito de intelectuais e da massa estudantil era mais perceptível. E influenciador. Naquela idade, contestar fluía com naturalidade, mesmo com o fantasma da repressão. Assim, foi possível compreender movimentos como tropicália e porque eram amaldiçoados artistas como Vandrê, Chico, Gil e Caetano. As letras de suas músicas agora faziam mais sentido. Na primeira pensão, na Rua do Rosário, no centro, a constatação de que não era fácil a vida dos contestadores de regime. Caramba, até ali éramos monitorados, embora sendo uns “estudentinhos mequetrefes” e formando um contingente de meia centena apenas.

INSPIRAÇÃO

Fascinado desde criança por jornalismo, o que me levou a uma rápida experiência aos 14 anos num jornal de minha região, tive uma série de fatores a me impulsionar a este caminho, que iam além dos efeitos da rebeldia etática. Publicações tidas como proibidas corriam de mão em mão, efervecendo o clima conspiratório. Nada a ver com Marx, Engels... Gostava de *Pasquim*, de *O Cruzeiro*, *Tribuna de Imprensa*. Mas foi depois de ler *Tamar*, de Félix de Souza Araújo, que me interessei em conhecer mais sobre suas obras e história desse cronista, poeta e político, decretando a carreira a seguir. Estreava o Campus da então Católica e eu numa cadeira da comunicação. Ali, sim, começava a experimentar de fato os efeitos de um regime subjogador.

No primeiro churrasco da Humanas, eu, um dos mais novinhos do grupo, fui logo aconselhado a ser prudente nos comentários e atitudes, pois havia uma ameaça sempre presente à nossa integridade. Tinha minhas convicções e, apesar de esboçar teatro e até cinema, chamado por um colega de turma para figuração no filme *Aléluia Grechen*, acabei por parando num jornal de grande circulação. Mesmo estando nos primeiros meses de graduando. Diploma era coisa rara, ainda. Como de regra, os “bagrinhos” – gíria para iniciantes – caíam logo no setor policial. Não fui exceção. Cacíldas, aí sim era jogo duro. Pressão de todo lado. A censura prévia era fato. Como eram as ações intimidadoras do

"A educação se apresenta como o grande antídoto de proteção à sociedade. E a comunicação serve como condutor de facilitação."

*"Esta terra de bravos não
será terra de escravos, nem
reinado de opressão".
(Félix de Souza Araújo)*

regime governante que, com seu CCC (Comando de Caça aos Comunistas), não queimava ônibus ou fazia execuções públicas como na concepção moderna de CV, PCC, TC ou outras siglas criminosas, mas promovia a repressão intelectual queimando bancas de jornais e bibliotecas, explodindo centros culturais e estudantis e confrontando pessoas avessas ao regime, sobretudo estudantes. Para dar molho, uma estrutura policial convencional viciada pelos desmandos do poder e impunidade, com forte pitada de criminalidade em ascensão. Cobertura jornalística no Dops era sempre sinônimo de "notícia mandada". E olha que volta e meia era algum colega de profissão. Às vezes, bandido mesmo, pois roubo a banco era enquadrado como violação à lei de segurança nacional.

Rolava 1977, ano da formatura, atos institucionais vigentes e "mais canhões e menos manteiga" assombrando o povo. Intelectuais e jornalistas sendo presos, como o Walmor e o Manfredini. Também estudantes, como a Juracilda, colega que jamais voltou à nossa turma após presa com um grupo de contrários ao arbítrio militar. Alencar Furtado, deputado por minha região e que influenciou gerações do norte e noroeste paranaenses na defesa dos direitos cidadãos, era cassado pelo AI-5. Com ele mais um monte de parlamentares combativos. Mais um duro golpe na liberdade democrática, mas pólvora no arcabouço do poder. Num protesto íntimo, registrei em meu diário uma célebre frase de Félix de Souza Araújo: "Esta terra de bravos não será terra de escravos, nem reinado de opressão".

O que veio depois é intensamente repetido, mesmo que em diferentes versões, onde heróis e vilões se confundem e se revezam, conforme julgamentos sob diferentes óticas, nem sempre amparadas pela coerên-

cia. Capítulos da história reabilitam e condenam, como também permitem a reflexão dos erros como instrumento de definição de curso em busca das tão sonhadas liberdade, justiça social e consolidação da paz. O antes e o pós regime de exceção no Brasil fizeram momentos de dor e agonia, mas também ratificaram ensinamentos sobre os que lutam por ideais coletivos e os que manipulam massas sob obsessão do poder e de ganância. Pretextos não faltam. Social, político, étnico, religioso, cultural...

A educação se apresenta como o grande antídoto de proteção à sociedade. E a comunicação serve como condutor de facilitação. Daí a responsabilidade daqueles que a manuseiam, pois é sempre iminente o risco de manipulação ou banalização ao descrédito. A globalização da informação, que trouxe as redes sociais para derrubar tabus, regimes ditatoriais e humilhações humanas, também tem o poder de seduzir, de arremessar alienados e aculturados, tal qual o efeito das drogas. Afligidas por guerras e desequilíbrios sociais e econômicos sociedades continuam sendo alvo fácil da mídia escravizadora e exploradas sob conotação política ou religiosa.

FLAGRANTES HISTÓRICOS

Nossas guerras, como Inconfidência, Constitucionalista, Farroupilha, Canudos, Mascates e Contestado, certamente teriam resultados menos trágicos se transferidas sob a luz dos dias atuais, em que a informação é instantânea, e repercussão imediata. Um dos ícones da fotografia mundial, da "menina do napalm" acaba de completar 40 anos, mas continua sendo exemplo de como uma imagem ou um registro jornalístico pode mudar o curso da história. Teria contribuído para apressar o fim da Guerra do Vietnã. Fotógrafo vietnamita a serviço

"Na preservação da chama de liberdade que nunca deve se apagar, continuaremos a ter mártires em profusão, em sua maioria anônimos."

da *Associated Press*, Nick Ut não apenas fez o registro; ajudou a salvar Kim Phuc, então com nove anos e, hoje, conferencista mundial em pregação pela paz. Em 1984, Steve McCurry registrou a "menina afegã de olhos verdes" num campo de refugiados no Paquistão. O olhar intrigante também virou ícone em mobilizações pelo fim das guerras. Em 2002, Steve conseguiu reencontrar a menina Peshavar (Paquistão). Foi então que o mundo soube como se chamava: Sharbat Gula. O olhar idêntico, mas os traços fisionômicos não deixavam dúvida do sofrimento e angústia.

O jovem solitário e desarmado que conseguiu parar uma fileira de tanques na Praça da Paz Celestial, na China, em 1989, é outro herói anônimo que, levado ao mundo pela lente de fotógrafos, deu novos contornos à mobilização deflagrada em seu país. Por aqui, Edson Jansen (amigo morto em meados de 2012) ganhou o Esso de fotografia em 1968, em pleno período ditatorial. A foto premiada foi o da invasão do Politécnico em Curitiba pela PM, em repressão à mobilização estudantil. Em primeiro plano aparece um estudante enfrentando a cavalaria com um estilingue e bolinhas de gude. O quixote ali era o líder estudantil José Ferreira Lopes, o Dr. Zequinha como ficou conhecido depois de se formar em Medicina.

MÉDICO PREMIADO

Antes de Jansen, outro paranaense tinha ganho o Esso, mas de jornalismo. Também médico, Parcyval Charquetti foi quem venceu a edição inaugural do prêmio, em 1956, com uma série jornalística sobre a busca ao ouro no interior do Estado (*Garimpo, Terra de Canaã*), algo como a nossa "serra pelada", com seus excessos. Charquetti também escreveria sobre algumas outras de nossas "guerras" locais: Massacre de Cândi-

do Rondon (1956) e Revolta dos Posseiros (Sudoeste, 1957), de motivação fundiária, e a do Pente, ocorrida em 1959, em Curitiba, retratada em livros e filmes com origem étnica ou social.

Na preservação da chama de liberdade que nunca deve se apagar, continuaremos a ter mártires em profusão, em sua maioria anônimos. Como aqueles que enfrentam no dia a dia a sua fome orgânica e de saber. De médicos que driblam todo tipo de dificuldade para cumprir sua missão de cuidar e confortar. De jornalistas que combatem a arrogância dos poderosos. Enfim, de todos que abraçam causas sociais, humanitárias e ambientais, apostando num futuro. Nem todos estarão identificados com título de "herói nacional" e inscritos no Livro de Aço do Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves. Mas, ali, já estão bem representados com personagens ilustres como Anita Garibaldi, Ana Néri, Chico Mendes e Ildelfonso Pereira Correia, o Barão do Serro Azul.

Quem sabe juntam-se a eles a Irmã Dorothy e a Dra. Zilda Arns Neumann, dentre outros heróis, lutadores ímpares e que deram causa e sentido às suas vidas. Quem sabe ainda Félix Araújo, em nome de centenas de jornalistas mortos nas últimas décadas – e não só no período ditatorial –, o que coloca o Brasil como um dos países mais violentos para profissionais da imprensa, comparável a regiões em guerra civil. Esse paraibano, pracinha voluntário da Força Expedicionária Brasileira na Itália e correspondente de guerra, foi assassinado em 1953, aos 30 anos de idade, logo após escrever "Acuso", manifesto contra o governo e a corrupção em seu estado. Era um visionário e também desejoso de uma humanidade mais justa e culta.

Hernani Vieira (PR).

OS OLHOS DA GUERRA

De flagrantes da degradação humana, da dor e de humilhações, o contraste de heroísmos e de luta por ideais. Cliques viraram ícones da fotografia por dar novos rumos à história e alentar a busca pela paz. Instantâneos silenciosos, impactantes, que merecem leitura reflexiva.

Na sequência de imagens históricas:

Praça da Paz Celestial, em Pequim (China), palco de massacre de civis. Homem solitário para comboio de tanques de guerra.

Menina do Napalm, imagem que contribuiu para o fim da Guerra do Vietnã. Quarenta anos depois, sobrevivente continua pregando o fim das guerras.

Humilhações impostas a presos de *Guerra no Iraque*. Repreensão do mundo todo pelas redes sociais.

Foto da *Invasão da PM ao Politécnico*. Estudante enfrenta cavalaria.

Menina afegã de olhos verdes. Olhar intrigante, retrato da angústia e dor.

Vladimir Herzog, exibido em foto oficial enforcado nas dependências do DOI-CODI, em São Paulo, em 1975. Jornalista foi reabilitado e teve laudo de necropsia retificado, agora como vítima de execução após torturas.

Imagem de *11 de setembro de 2001*, na destruição das torres gêmeas, em Nova York. Flagrante mostra a aproximação do segundo avião na consecução do atentado. Um dos registros fotográficos mais marcantes deste século.

